

# Antropofagia hoje: heranças e reapropriações decoloniais

Alessia Di Eugenio

## Da Antropofagia à Re-Antropofagia

No longo 2022, ano do centenário do movimento modernista, importantes contribuições surgiram não apenas para celebrar o papel histórico-cultural da Antropofagia, filha da Semana de Arte Moderna, mas sobretudo para refletir sobre a sua relação com o presente e com o futuro, explicitando a permanência, a grande vitalidade e também a transformação do conceito elaborado por Oswald de Andrade em 1928.

106 Tomando em conta o longo caminho de evolução e transformação do significado e do uso da Antropofagia, este artigo pretende analisar os desafios apresentados pelas contemporâneas reapropriações indígenas do conceito. Ao mesmo tempo, pretende assinalar as possíveis conexões decoloniais com o pensamento de Oswald de Andrade e com a sua utilização hoje.

O “sucesso” da Antropofagia oswaldiana não foi imediato. Os anos 1940 e 1950, últimos anos de vida do autor, foram tempos difíceis em termos de apreciação da sua obra. Na antologia *Apresentação da Poesia Brasileira*, publicada por Manuel Bandeira em 1946, nenhuma contribuição de Oswald de Andrade aparece. E foi uma grande decepção porque, como afirma Gonzalo Aguilar, Bandeira “por um lado atuava como legitimador do cânone e, por outro, havia sido aliado em antigas batalhas” (AGUILAR, 2021, posição 14322). Ele considerava muitos poemas do colega como “versos de um romancista em férias” (BANDEIRA, 2009, p. 164). De fato, naquela época e por muito tempo, Oswald foi considerado simples-

mente como um “vanguardista datado e desprovido de consciência política” (VELOSO, 2017, p. 260).

O começo do longo caminho de contaminação da Antropofagia remonta, portanto, apenas aos anos 1950 e 1960 e ao trabalho de reabilitação do escritor paulista feitos pelos poetas concretistas. Desde então, passando pelas apropriações teatrais, políticas e contra a ditadura do Teatro Oficina de José Celso, a Antropofagia se tornou onipresente na cena cultural brasileira e transformou Oswald de Andrade em um “autor contracanônico do cânone” (AGUILAR, 2021, posição ebook 14227). O legado antropofágico alimentou incansavelmente experimentos literários e culturais: do Tropicalismo dos anos 1960 até a *Antropofagia* de Beatriz Azevedo de 2014; do *Manifesto Coprofágico* de Glauco Mattoso de 1977 até a *Antropofagia Periférica* da Semana da Arte Moderna da Periferia de 2007; da performance *Regurgitofagia* de Michel Melamed de 2004 ao *Digesto Antropofágico* de Daniel Piza em 2011 (para citar alguns exemplos).

107

Todavia, além da inegável contaminação artística, é particularmente interessante a guinada conceitual e teórica que a Antropofagia produziu na história do pensamento brasileiro. Em 1975, o concretista Haroldo de Campos publica o ensaio *Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira* e faz da Antropofagia uma ferramenta teórica capaz de propor uma “transvalorização” e um modo alternativo de pensar o cânone como global, sincrônico, sempre aberto e em constelação. A antropofagia dos concretistas era lida e utilizada como atitude de criação transgressora e como desconstrução teórica – caminho que trilhará também Silviano Santiago – e não como simples ontologia nacionalista ou metáfora cultural.

Todavia, ao longo do tempo, se multiplicaram as distorções e instrumentalizações nacionalistas deste conceito itinerante, lido como capacidade tipicamente brasileira de incorporação do que é

estrangeiro (prestando-se às interpretações identitárias e ufanistas) ou como simples incorporação cultural de diversidades (prestando-se às apropriações neoliberais), embora a Antropofagia tenha sido claramente definida de forma mais complexa e filosófica e embora não apareça nenhuma afirmação oswaldiana, no *Manifesto* e em outras obras posteriores, que justifique esta simplificação.

Para tentar propor uma reflexão crítica que destruísse todas as interpretações problemáticas e atualizasse o debate sobre a Antropofagia, em 2011, João Cesar de Castro Rocha e Jorge Ruffinelli organizaram a publicação de uma das mais importantes e extensas coletâneas sobre o tema (687 páginas e mais de 50 autores convidados). Todavia, passaram-se mais de dez anos dessa publicação e muitos acontecimentos abalaram a vida cultural e política brasileira. Se a Antropofagia está, felizmente, (quase) liberada da “camisa de força da brasilidade” – desafio para o qual apontava João Cesar de Castro Rocha em 2011 – muitos outras questões envolvem a discussão sobre as suas heranças hoje, logo depois do seu centenário.

Na antologia citada, por exemplo, não aparecem contribuições de autoras ou autores indígenas que começaram a ocupar a cena literária e cultural ligada à Antropofagia, em particular a partir da primeira década dos anos 2000 (a importante *Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea* foi inaugurada em Boa Vista em 2013). Os trabalhos artísticos e teóricos dos e das indígenas, junto com as conquistas dos estudos culturais em termos de consciência da centralidade da autoria e da voz de quem fala, produz e escreve, deixaram emergir uma disputa de falas em relação à Antropofagia. Se, conforme afirma Ettore Finazzi-Agrò (2001), a figuração do “índio” na cultura brasileira coloca sempre de novo em cena uma “origem em ausência”, as elaborações teóricas sobre uma prática indígena geradas exclusivamente por intelectuais distantes desse conhecimento tornavam evidente o descompasso que reproduzia constantemente esta ausência/silenciamento.

Por tal razão, um grupo de artistas indígenas, através de contribuições literárias, artísticas e teóricas, promoveu um movimento de reorientação antropofágica e de revisão crítica contundente sobre os efeitos do modernismo. Neste sentido, um importante evento foi a mostra *ReAntropofagia*, que ocorreu no Centro de Artes da UFF, em 2019. Todos os artistas convidados eram indígenas, de etnias variadas (entre eles Jaider Esbell, Daiara Tukano, Sueli Maxakali, Aredze Xukurú). Um dos dois curadores, Denilson Baniwa, em uma palestra na Universidade Federal de São Paulo afirmou que os artistas indígenas contemporâneos pretendiam juntar a antropofagia dos Andrades com a dos Tupinambás, realizando releituras e apropriações (GOLDSTEIN, 2019). Exemplo explicativo da sua atuação são os trabalhos sarcásticos realizados na exposição *Vaievém*, no CCBB-SP, em 2019. Na cópia da aquarela *Un savant travaillant dans son cabinet* (1827), de Jean-Baptiste Debret<sup>1</sup>, colocou um indígena sentado em um tronco, observando um europeu que toma notas. No pé da imagem, aparece a provocação: “o antropólogo moderno já nasceu antigo”.

109

Com o mesmo espírito crítico, a mostra *ReAntropofagia* é aberta com uma tela-declaração: uma cabeça quebrada, fusão de Mário de Andrade com Grande Otelo (ator que interpretou Macunaíma no filme homônimo de Joaquim Pedro de Andrade). Junto à cabeça, aparece o livro *Macunaíma* e um pequeno bilhete que retoma o poema *ReAntropofagia* do autor—(BANIWA, 2021, s/p).

A referência a Makunaimê vem de Makunaima, nome reconfigurado segundo a pronúncia da língua macuxi pelos trabalhos literários e teóricos do grande artista e escritor indígena macuxi Jader Esbell. Em 2018, ele publica um texto provocativo, na revista

---

1 Outras importantes e interessantes reconfigurações críticas das obras de Jean-Baptiste Debret foram realizadas pela artista Ge Viana em 2020, através da série *Atualizações Traumáticas* de Debret para o MAM do Rio de Janeiro.

*Iluminuras*, intitulado *Makunaima, meu avô em mim*. Apresentando-se como seu descendente direto, denuncia o sequestro de Makunaima pelo etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg e por Mário de Andrade, que o usou como fonte, e propõe-se a trazer dimensões indígenas à sua compreensão. Neste texto o objetivo é levar a crítica da Antropofagia para além dos limites constituídos pelos discursos críticos sobre o ponto de vista paulistocêntrico e limitado dos modernistas (BOSI, 2003), sobre o privilégio de classe dos escritores ou sobre a imagem fictícia da nação construída por questionáveis obsessões identitárias (SCHWARZ, 1987).

### **Crítica decolonial à Antropofagia**

110 Em comparação com as críticas que se consolidaram para redimensionar o legado do Modernismo – até o ponto de cunhar a expressão “modernistolatria” (FISHER, 2013) –, as perspectivas ReAntropofágicas propõem uma reapropriação que se caracteriza por ser efetivamente decolonial. Os gestos críticos dizem respeito a duas diferentes questões: em primeiro lugar, a quebra do paradigma vitimário em relação aos indígenas na história do Brasil e a consequente reinterpretação do papel dos saberes indígenas, representados simbolicamente pela Antropofagia; em segundo lugar, a crítica às formas de apropriação instrumental dessas tradições indígenas, conhecidas com pouca profundidade e principalmente por meio de referências eurocêntricas.

As obras indígenas citadas ajudam a analisar a primeira questão. O gesto de reconfiguração do nome “Makunaima”, introduzido por Esbell, dialoga com a denuncia de apropriação cultural explicitada pelas últimas palavras do poema *ReAntropofagia*: “[...] renasça Makünaimî/e a antropofogia originária/ que pertence a Nós/indígenas” (BANIWA, 2021). Essa afirmação perentória, que aparentemente remete para uma imagem não antropofágica de rígida propriedade cultural, é, porém, provocadoramente apresentada para

denunciar a instrumentalização de saberes e culturas que foram historicamente oprimidas e invisibilizadas (WILLIAM, 2019). Além das intenções e/ou da avaliação dos significados das obras de Oswald de Andrade, a perspectiva indígena desses autores insiste, de acordo com a abordagem decolonial, no posicionamento da voz de quem escreve. Portanto, eles pretendem falar e ressignificar uma prática sobre a qual os diretamente interessados não tiveram a possibilidade de ser ouvidos, no quadro de um amplo e aceso debate cultural e nacional: “Para além dessas leituras sobre a apropriação indevida da prática antropofágica, o que nós artistas e intelectuais nativos podemos dizer ou trazer para compor essas infundáveis discussões?” (ESBELL, 2021, p. 289). Essa centralidade do posicionamento, porém, escapa do paradigma vitimário. Por exemplo, através de um diálogo literário, Esbell encena um processo de transmissão da memória, em que o seu avô Makunaimi aparece como agente ativo – e não como vítima – de um processo de contra-apropriação cultural (re-antropofagia).

111

Assim me diz ele:

Meu filho eu me grudei na capa daquele livro. Dizem que fui raptado, que fui lesado, roubado, injustiçado, que fui traído, enganado. Dizem que fui besta. Não! *Fui eu mesmo que quis ir na capa daquele livro. Fui eu que quis acompanhar aqueles homens. Fui eu que quis ir fazer a nossa história.* Vi ali todas as chances para a nossa eternidade. Vi ali toda a chance possível para que um dia vocês pudessem estar aqui junto com todos. Agora vocês estão juntos com todos eles e somos de fato uma carência de unidade. [...] Não estive lá por acaso. Fui posto lá para nos trazer até aqui.

Quando Makunaima decide lançar-se na capa do livro sabia o que estava fazendo. Meu avô sempre sabia o que estava fazendo. [...] (ESBELL, 2018, p. 6)

Neste sentido, o gesto simbólico de denúncia da apropriação cultural está relacionado com a reversão do papel de vítimas em que os e as indígenas foram permanentemente rebaixados.

A segunda questão decolonial levantada pela *ReAntropofagia* tem a ver com a falta de conhecimento efetivo e aprofundado e a instrumentalização de práticas e saberes indígenas. Assumindo a descendência direta e viva de Makunaima, Esbell critica a visão do indígena como ser primitivo, preso num eterno passado ancestral. Um exemplo bastante explicativo da complexidade da questão, inclusive nos espaços de conhecimento especializado, é representado pela polemica que surgiu na revista *Select*. No número 37 de 2018 foi publicado um artigo intitulado *Dos Tupinambá aos Huni Kuin: arte contemporânea brasileira em risco* (AVELAR; MAGALHÃES, 2018, n.p.). As duas autoras, Ana Avelar e Ana Magalhães, em determinado trecho, referiam-se aos Tupinambás como extintos, embora tenham lideranças vivas e ativas. E, de fato, nos comentários da versão online da revista apareceu uma voz Tupinambá inesperada: “Eu morri? Meu povo morreu revista *Select*? Vocês acabaram de fazer o genocídio midiático dando uma falsa notícia ou é ignorância da revista e da equipe?”; muitos outros comentários seguiram. Para pedir desculpas a revista publicou uma nota intitulada “erramos” e abriu espaço para um texto de Jaider Esbell.

Esta forma de desconhecimento está ademais relacionada com a ideia de uma irônica nostalgia daquela imagem estereotipada e uniforme do “índio”, extrapolada para a construção de uma “arte brasileira”. Nos versos de *ReAntropofagia*: “[...] sério, nasceria de fórceps uma arte brasileira?/sem índios na canoa que falha-trágica/ quero quem come com as mãos, alguém?” (BANIWA, 2021, s/p). Nesse sentido, a questão radical que Esbell coloca e que Baniwa reforça ironicamente é, justamente, a da conexão entre a possibilidade de construção de verdadeiros processos decoloniais e a capacidade de escuta e conhecimento, aprofundado e relacional, de culturas

indígenas de matriz não ocidental. Nesse sentido, Macunaíma e a Antropofagia oswaldiana, apesar do esforço para de-europeizar a arte brasileira e inscrevê-la nas culturas múltiplas do país, representariam uma tentativa de homogeneização da pluralidade e diversidade de mundos, línguas, culturas indígenas e produziram uma imagem exclusivamente evocativa e simbólica da figura do indígena.

De fato, o grupo da Antropofagia estudou detalhadamente autores principalmente europeus para se informar sobre a Antropofagia ritual praticada no Brasil. Raul Bopp, no seu livro de reconstrução do movimento antropofágico, apresenta uma lista de autores que define como “clássicos da Antropofagia”: Thevet, Jean de Levy, Hans Standen, Claude d’Abbeville, Yves D’Evreux, Taunay, Saint-Hilaire, Koch Grunberg, Humbolds Capistrano de Abreu, glossários de línguas indígenas, de Martius, traduzidos por Teodoro Sampaio; Emílio Goeldi, Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhaes, Montaigne e Jean-Jacques Rousseau (BOPP, 1977, p. 45). Uma prática ritual local é incorporada e usada contra o mimetismo e a hegemonia da cultura ocidental, passando, porém, através de um “conhecimento livresco” e de interpretações predominantemente europeias. Por isso, o resultado não podia que se configurar como “pratos fake-antropofágicos” (BANIWA, 2021, s/p).

113

Para destacar o papel das referências relacionadas ao mundo indígena nas elaborações culturais modernistas e o processo de reapropriação aberto pelas produções indígenas, poderiam ser introduzidos os conceitos de “lugares de escuta” e de des-autoria que *Marília Librandi* propõe:

O lugar da escuta é o lugar da des-autoria. Por isso, importa a prática de escrever no lugar da escuta, para não apenas reproduzir as falas de outrem, mas tentar deixar que outras falas falem por nosso corpo textual. Trata-se então de um movimento duplo e reverso: a autoria indígena desautorizando a autoria brasileira. [...]



Ou as/os artistas-pensadores modernistas e da Antropofagia, em 1922, 1924, 1928, e depois, e os de hoje, atuais, são afiliados, parentes, pajés também, brothers and sisters da amerindianidade, ou não. Estamos presenciando uma virada epistêmica, que acentua a diferença entre indígenas e não indígenas, sem eliminar o diálogo entre as partes que manifestam interesses de devir em comum... (LIBRANDI, 2021, 15295 e-book).

E, de fato, Esbell coloca a necessidade desse diálogo e desse “devir em comum”, baseados no (re)conhecimento como possibilidade de entendimento. Para ele, a Antropofagia não atinge esses resultados.

Um sentido para a existência da Pan-Amazônia e seus povos passa nas mãos de Makunaima. [...] De fato nem quero falar destas questões, embora tenham sido elas que nos trouxeram para este ponto. Existe todo um entremeio não de explicação, mas de possibilidade de entendimento. Sem adentrar as portas das cosmovisões dos povos originários não há como discutir decolonização. Sem considerar as culturas mexidas e hoje abertas para a discussão com parte humana representada não há como discutir fronteira alguma (ESBELL, 2019, p. 3)

114

### **Lendo Oswald de Andrade em perspectiva decolonial**

Embora o julgamento de Esbell e de Baniwa sobre os paulistas antropófagos seja radicalmente crítico, essas reflexões teóricas e provocações artísticas convidam a pensar como trabalhar juntos para este “entendimento” decolonial.

Olhando sobretudo para os textos de Oswald de Andrade, percebemos que são muitas as assonâncias e convergências com as perspectivas desses artistas. Se em *ReAntropofagia* Baniwa escreve que “a arte moderna já nasceu antiga” (BANIWA, 2021), Oswald de Andrade apresenta uma afirmação parecida já no *Manifesto Antropofago*: “Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade do ouro” (ANDRADE, 2011, p. 70). Trata-se do mesmo gesto

de inversão de perspectivas e desconstrução da ideia de primazia e superioridade de saberes de matriz ocidental. Nesta direção, mesmo levando em conta todos os limites assinalados pelas reapropriações indígenas, acredito que o pensamento de Oswald de Andrade ainda seja visionário e possa ser uma preciosa ferramenta decolonial para acompanhar a virada epistêmica de que fala Marília Librandi. O foco da questão, além do posicionamento, é o entendimento dos sujeitos e dos objetos das falas.

No começo de 2022, foi publicada uma coletânea de textos inéditos de Oswald de Andrade. Entre eles, um manuscrito (inacabado) intitulado *A antropofagia como visão do mundo*. Este texto, denso e cheio de formulações e conceitos que não estão presentes em outras obras, alimenta-se da referência constante ao “homem natural”, de forma bem mais insistente do que em outros textos. De fato, a “visão do mundo” antropofágica, matriarcal e coletivista está baseada na ideia de ida – e não de volta – ao “homem natural”, utilizando e misturando tantas referências e ideias, além das cosmogonias e práticas indígenas. Por exemplo, como nos lembra Eduardo Viveiros de Castro (2022), as comunidades Tupinambás não eram e não são matriarcais. Os conceitos oswaldianos são, evidentemente, conceitos onto-filosóficos e não experienciais ou etnográficos, pensados para projetar a Antropofagia para um território futuro, utópico e mitopoético. Não é por acaso que Benedito Nunes (2011) escolhe o título de “utopia antropofágica” ao editar uma das principais coletâneas de textos oswaldianos sobre a Antropofagia.

115

Para entender melhor este aspeto e para responder aos desafios ligados à questão do sujeito/objeto da fala, é importante entender quem é “o homem natural”, “o antropófago” de que fala Oswald de Andrade. No *Manifesto Antropófago* a referência à primeira pessoa aparece apenas duas vezes. Em todos os outros aforismas é utilizada sempre a primeira pessoa plural. Quem é esse “nós” que aparece no Manifesto e em muitos ensaios e artigos posteriores

que o citam? Um exemplo é o texto *Mensagem ao Antropofago desconhecido* de 1946:

Só o homem natural foi natural nos trópicos, onde não caminhou como as formigas de Esquilo na direção de Prometeu. É preciso ouvir o homem nu. “Queremos a revolução caraíba. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós, a Europa não teria sequer a sua pobre Declaração dos Direitos Humanos”. “Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade do Ouro” [...] Nós proclamávamos há vinte anos, em manifesto, a excelência da Antropofagia. Visão do mundo. “Contra as histórias do homem que começam no cabo Finisterra”. (ANDRADE, 1991b, p. 285)

116 Uma recente conferência de Alexandre Nodari (2022) coloca esta questão e propõe uma reflexão interessante. Nodari mostra que o “nós” antropofágico não é a afirmação de uma identidade indígena nem, evidentemente, de uma identidade nacional, mas “é a proposição de uma aliança político-ontológica com os povos ameríndios, uma frente ampla contra a colonização que toma a lógica ou ontológica da Antropofagia Tupinambá como exemplo-vanguarda de saída do conflito edípico-genealógico-patriarcal da tradição” (NODARI, 2022, s/p). “O homem natural não existe por origem fenotípica, social ou familiar, mas pela relação que estabelece com o meio e com o outro” (AZEVEDO e FRANCIS, 2021, p. 121), através de uma prática e visão do mundo antropofágica. Concordando com esta perspectiva, vale lembrar, como fazem as duas autoras, que também na *Revista da Antropofagia Oswald* deixava entender claramente que “o homem natural”, sinónimo do antropófago, não é o indígena.

O homem natural que nós queremos pode tranquilamente ser branco, andar de casaca e de avião. Como também pode ser preto e até índio. Por isso o chamamos de ‘antropófago’ e não tolamente de ‘tupi’ ou ‘pareci. (ANDRADE, 1975, s/p).

Então, é fundamental lembrar que a Antropofagia foi pensada como conceito filosófico-político para conectar indígenas e não indígenas na busca de um “devir em comum” – de um “devir-indígena” – que reconheça as diferenças, tenha consciência do “exemplo” que uma certa visão do mundo indígena representa e tente estabelecer alianças decoloniais e transformadoras. E na ideia de resto/resistência da cultura antropofágica no Brasil é encontrada a possibilidade de uma conexão através do solo, da terra, dos saberes dos indígenas.

Com toda a libidinagem da gente branca, não foi no entanto destruído o que melhor restava no natural das Américas. A sua cultura resistiu no fundo das florestas, como na recusa a toda força escravizante. (ANDRADE, 1991a, p. 284)

Embora Oswald de Andrade não levasse em conta o próprio posicionamento racial e social, incluindo-se naquele “nós” e usando referências aos saberes indígenas que conhecia parcialmente e indiretamente, essa operação não deve ser entendida no âmbito de socio-políticas identitárias ou exclusivamente como apropriação indevida. A Antropofagia oswaldiana é uma proposta artístico-simbólica e, ao mesmo tempo, teórico-prática que pode ser lida em perspectiva decolonial, ou seja como radical projeto de transformação global, existencial, espiritual, não limitado a uma única dimensão da vida social. De fato, a proposta de “vida como devoração” deve ser entendida também, e sobretudo, como problematização do ser e das relações – humanas, não humanas, cósmicas. Oswald usa o “nós” e se inclui nesse “nós” porque, num gesto universal, convida a recuperar o “homem natural”, o antropófago, que existe em todos/todas nós. Nas palavras de Beatriz Azevedo:

117

Penso que a força da antropofagia oswaldiana resiste justamente por nos lembrar que o ‘homem primitivo’, o ‘homem nu’, ‘o homem natural’, ou seja, o antropófago, vive em todos nós não como passado ancestral a ser recuperado, não enquanto ‘identidade nacional’, mas como uma dimensão

vital e necessária, uma fonte matriarcal de desejo lúdico que questione as dominações patriarcais –do estado, da família, da religião, da lógica, da gramática. No entender de Oswald de Andrade ‘toda legislação é perigosa’ (como afirmou sob o pseudônimo de Freuderico na Revista de Antropofagia); penso que essa crença fica evidente em cada aforismo e no sentido geral de seu Manifesto Antropófago. (AZEVEDO, 2016, p. 110).

E, como testemunha um trecho de um dos últimos textos escrito por Oswald no ano em que morreu, ele tinha grande consciência da importância futura que este “conceito de vida como devoração” podia assumir:

Devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço pois um apelo a todos os estudiosos desse grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem adiante toda uma filosofia que está para ser feita. (ANDRADE, 1991c, p. 232)<sup>2</sup>

118

### **Conclusões: notas para uma proposta de leitura antropofágica hoje**

Se a postura antropofágica visa propor alternativas radicais de “devenir em comum” e se, adotando uma perspectiva decolonial, essa postura deve ser antes de tudo concreta e não apenas teórica, a reflexão que considero mais interessante hoje é a de propor exemplos de práticas antropofágicas ativas no campo literário e cultural. Uma dessas práticas poderia ser analisada considerando o trabalho literário e cultural, mas também jornalístico e político, que estão promovendo muitas e muitos indígenas e não indígenas, juntos, tentando criar alianças e redes, visibilizando culturas e saberes

---

2 Comunicação escrita para o Encontro de Intelectuais, realizado no Rio de Janeiro em 1954, e enviada a Emiliano Di Cavalcanti para ser lida (hoje preservada na Universidade de Campinas).

indígenas, produzindo (re)conhecimento e processos decoloniais de escuta e des-autoria. Promovendo um “devir-indígena” e antropófago em comum.

Além de muitos autores e muitas autoras de literatura indígena contemporânea, vale citar duas importantes vozes: a primeira é a de Eliane Brum, grande “escutadeira” e conhecedora dos “povos-florestas” (BRUM, 2021) que, depois de ter feito do seu corpo uma ponte entres os muitos Brasis (BRUM, 2006), decidiu ir morar na Amazônia, em Altamira. No último livro *Banheiro-Okoto: uma viagem na Amazônia centro do mundo* reflete, de maneira poética, política e autobiográfica, sobre necessários processos/práticas de *desbranquiamento* e de *amazonização* das nossas existências e sobre a capacidade de aprender a viver no *entremundos*. Conceitos que poderiam ser enquadrados segundo perspectivas antropofágicas.

A segunda voz é a de Rita Carelli, que organizou alguns textos do professor indígena Ailton Krenak e trabalhou em conexão com comunidades indígenas desde pequena: “Esse contato com os povos indígenas é parte de quem eu sou, de como eu vejo o mundo, de como eu me relaciono com as pessoas”<sup>3</sup>. Ela publicou recentemente, em 2022, o livro de literatura infantil *Menina Mandioca* e, em 2021, um interessante romance, *Terrapreta*. Este livro é pensado para nos aproximar da vida cotidiana e da sabedoria indígenas, através da encenação narrativa de um percurso de transformação de uma jovem menina de São Paulo que vai morar junto a comunidades indígenas da Amazônia.

119

Apenas dois exemplos de mulheres que, conscientes dos próprios posicionamentos raciais e sociais, procuram conhecimento e entendimento para escapar de processos de apropriação cultural,

---

3 Entrevista disponível na plataforma online “Amazônia Latitude”: <https://www.amazonialatitude.com/2023/10/02/rita-carelli-uma-janela-para-a-cultura-indigena-atraves-da-literatura-infantil/> Último acesso: 28/10/2023.

estabelecem redes e conexões transformadoras – na vida e na obra literária –, capazes de criar “lugares de escuta” e produzir processos antropofágicos de alianças político-ontológicas.

Sem deixar de considerar as críticas levantadas e os desafios colocados pelas reapropriações indígenas da Antropofagia oswaldiana, acredito que seja possível valorizar a Antropofagia como ferramenta decolonial para ler e analisar processos culturais de *escuta* e *aliança* seja do ponto de vista narrativo, simbólico e teórico seja do ponto de vista material e relacional. E, de fato, Oswald de Andrade, já no *Manifesto*, colocava a centralidade da escuta na constituição de mundos possíveis.

Só podemos atender ao mundo orecular. (ANDRADE, 2011, p. 69).

## 120 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. *Uma adesão que não queremos*. Revista de Antropofagia, 1975. (Reedição fac-similada da 1ª e 2ª “dentições” 1928- 1929).
- ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. In: ANDRADE, Oswald de. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 67-74.
- ANDRADE, Oswald de. *O Antropófago*. In: ANDRADE, Oswald de. *Estética e Política*. São Paulo: Globo, 1991a. p. 233-284.
- ANDRADE, Oswald de. *Mensagem ao Antropófago desconhecido*. In: ANDRADE, Oswald de. *Estética e Política*. São Paulo: Globo, 1991b. p. 285-286.
- ANDRADE, Oswald de. *A reabilitação do primitivo*. In: ANDRADE, Oswald de. *Estética e Política*. São Paulo: Globo, 1991c. p. 231-232.
- ANDRADE, Oswald de. *Diário Confessional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- AGUILAR, Gonzalo. *Os Herdeiros da Antropofagia*. In: ANDRADE, Gênese (org.). *Modernismos 1922- 2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 723-753.
- AVELAR, Ana; MAGALHÃES, Ana. *Dos Tupinambá aos Huni Kuin: arte*

*contemporânea brasileira em risco*. Select, 2018. Disponível em: <https://www.select.art.br/tupinamba-huni-kuin-arte-contemporanea-brasileira-risco/> Acesso em: 10 nov. 2022.

AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia Palimpsesto Selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

AZEVEDO, Beatriz e FRANCIS, Laura. *Será esse o futuro do século XXI?. Das Questões*, v. 11, n. 1, p. 109-130, 2021.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira, seguida de uma antologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BANIWA, Denilson. *ReAntropofagia*. New York: The Brooklyn Rail, 2021. Disponível em: <https://brooklynrail.org/2021/02/criticspage/ReAntropofagia>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BOPP, Raul. *Vida e Morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.

BOSI, Alfredo. *Moderno e modernista na cultura brasileira*. In: BOSI, Alfredo. *Céu e Inferno*. São Paulo: editora34, 2003.

BRUM, Eliane. *Banzeiro-Okoto: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Editora Arquipélago, 2006

CAMPOS, Haroldo. *Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira*. In: CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas: Ensaio de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 231-256.

CARELLI, Rita. *Terrapreta*. São Paulo: Editora 34, 2021.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A antropofagia contra o Estado: Oswald de Andrade e o matriarcado transcendental*. Colóquio Internacional “Na semana que vem”. IEL Unicamp, 2022. 1 vídeo (89 min 59 seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_2E3BgHpm7o&list=PL28XomryoaoeIdo3HtCjrKojG\\_TAN-OAp&index=11&t=3142s](https://www.youtube.com/watch?v=_2E3BgHpm7o&list=PL28XomryoaoeIdo3HtCjrKojG_TAN-OAp&index=11&t=3142s). Acesso em: 11 nov. 2022.

ESBELL, Jaider. *Makunaima, o meu avô em mim. Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, 2018.

ESBELL, Jaider. *Uma história devolvida – notas sobre antropofagia*. *Das Questões*, v. 11, n. 1, p. 287-290, 2021.

FICHER, Luís Augusto. *Refens da Modernistolatria*. Piauí, maio 2013. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/refens-da-modernistolatria/> Acesso em: 11 nov. 2022.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *O princípio em ausência: o lugar pré-*



*-liminar do índio na cultura brasileira. Scripta*, v. 4, n. 8, p. 21-31, 2001. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10391>. Acesso em: 11 nov. 2022. GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *Da “representação das sobras” à “re-antropofagia”*: Povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, v. 3, n. 3, p. 68–96, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663183>. Acesso em: 11 nov. 2022. LIBRANDI, Marília. Jaider Esbell, *Makunaimã Manifesto e a cosmopolítica da arte*. In: ANDRADE, Gênese (org.). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 779-807.

MATTOSO, Glauco. *Jornal Dobrabil*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

MELAMED, Michel. *Regurgitofagia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

NODARI, Alexandre. *Filhos do sol, mãe dos viventes: os nós-outros do Manifesto Antropófago*. Colóquio Internacional “Na semana que vem” – Mesa 6: Devoração Pura e Eterna. IEL Unicamp, 2022. 1 vídeo (128 min 19 seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cWmRobtM9Oo&list=PL28XomryoaoeIdo3HtCjrKoJG\\_TAN-OAp&index=9&t=3874s](https://www.youtube.com/watch?v=cWmRobtM9Oo&list=PL28XomryoaoeIdo3HtCjrKoJG_TAN-OAp&index=9&t=3874s). Acesso em: 11 nov. 2022.

**122** NUNES, Benedito. *Antropofagia ao alcance de todos*. In: ANDRADE, Oswald de. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011. p. 7-56.

PIZA, Daniel. *Digesto Antropófago*. In: ROCHA, João Cesar de Castro; JORGE, Ruffinelli (org.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 63-65.

ROCHA, João Cesar de Castro; JORGE, Ruffinelli. (org.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011.

VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Editora Polén, 2019.